

A FILOSOFIA E SEU ENSINO PELA ENCRUZILHADA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS E DESCOBERTAS

Paulo Willame Araújo de Lima¹

Gregório Barbosa de Souza²

Resumo: O Transpassando é um coletivo de combate à transfobia e demais preconceitos que atua na Universidade Estadual do Ceará – UECE como um programa de extensão horizontal e autogerido. Sua forma e seu conteúdo é diferenciado, pois o Programa existe enquanto uma ação direta de combate às opressões e violências realizadas contra vários grupos sociais marginalizados. Este texto que se apresenta como relato de experiência tem por objetivo apresentar o Transpassando em sua história de surgimento, seu caráter político, estético, teórico e prático de subversão e de confronto com a lógica colonial. Para tanto, a exposição seguirá um percurso de registro narrativo de fatos e impressões vivenciados no contexto de criação e ampliação do Transpassando enquanto Programa de Extensão e Projeto Pré-Vestibular, onde a disciplina de Filosofia é ofertada junto com as demais. Mas, vale destacar que o Ensino de Filosofia no Transpassando, pela sua metodologia transdisciplinar/encruzilhada de atuação, atravessa os outros projetos que compõem o Programa de Extensão junto com o Pré-Vestibular: o projeto Surdez e Gênero, o projeto Gestão Administrativa e Produção Cultural e o Projeto Cinetrans.

Palavras-Chave: Coletivo Transpassando. Formação de Professores. Transformação Social.

PHILOSOPHY AND ITS TEACHING AT THE CROSSROADS: A REPORT OF EXPERIENCES AND DISCOVERIES

143

Abstract: Transpassando is a collective to combat transphobia and other prejudices that operates at the State University of Ceará - UECE as a horizontal and self-managed extension program. Its form and content are different, as the Program exists as a direct action to combat oppression and violence carried out against various marginalized social groups. This text presents itself as an experience report and aims to present Transpassando in its inspired history, its political, aesthetic, theoretical and practical character of subversion and confrontation with colonial logic. To this end, the exhibition will follow a narrative record of facts and impressions experienced in the context of the creation and extension of Transpassando as an Extension Program and Pre-College Project, where the discipline of Philosophy is offered along with the others. However, it is worth noting that the Teaching of Philosophy at Transpassando, due to its transdisciplinary methodology/crossroads of action, crosses the other projects that make up the Extension Program together with the Pre-Vestibular: the Deafness and Gender project, the Administrative Management and Production Cultural and Cinetrans Project.

Keywords: Transpassando Collective. Teacher training. Social Transformation.

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA

¹ Doutorando em Filosofia pela UNIFESP, Professor voluntário no Programa Transpassando UECE, Produtor Cultural no Coletivo Kintal de Afetos e Professor Efetivo na Escola Dione Pessoa, em Pacajus-CE.

Email: paulow.fin@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5527-539X>

² Licenciatura em Artes Visuais em andamento, no Instituto Federal do Ceará - IFCE. Colaborador voluntário do Programa de Extensão Transpassando UECE. Arte-educador no Centro Cultural Casa Barão de Camucim.

Email: gregoriobsouza@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7467-3278>

Este trabalho tem por objetivo apresentar o Coletivo Transpassando e suas ações através do Programa de Extensão Transpassando UECE, bem como refletir sobre a importância do ensino de Filosofia no contexto da educação não-formal e informal, além do contexto formal da sala de aula do ensino regular. Contudo, para que algumas coisas façam sentido no nicho discursivo do *modus operandi* da academia, precisamos dizer algumas palavras a respeito da impossibilidade de separar analiticamente as lutas sociais as quais este trabalho faz referência. Ou seja, precisamos estar atentos à necessidade de olhar para as pautas identitárias e sociais como pautas indissociáveis. Em outras palavras, para início de conversa, é preciso, como cantou Elza Soares, saudar Exu nas escolas, pois como revela Carla Akotirene, Exu é “divindade africana da comunicação, senhor da encruzilhada e, portanto, da interseccionalidade” (2020, p. 20). Para Akotirene, a interseccionalidade é uma encruzilhada entre/com o que ela chama de “avenidas identitárias”.

A interseccionalidade não é narrativa teórica de excluídos. Os letramentos ancestrais evitam pensarmos em termos como “problema negro”, “problema da mulher” e “questão das travestis”. Aprendamos com a pensadora Grada Kilomba que as diferenças são sempre relacionais, todas e todos são diferentes uns em relação aos outros. Raciocínio exato sobre a interseccionalidade, desinteressada nas diferenças identitárias, mas [interessada] nas desigualdades impostas pela matriz de opressão. (AKOTIRENE, 2020, p.50).

De primeira, fica aqui registrado que o Transpassando é uma ação direta - portanto concreta, material, subversiva e propositiva - de ressignificar narrativas e experiências coletivas, sabendo que, por mais que as diferenças existem e que as opressões se dão de diversos modos variando de acordo com os sujeitos e suas respectivas identidades políticas, sabe-se que a matriz de opressão é a mesma: eurocêntrica, cishéteropatriarcal, capitalista, branca e capacitista.

De modo complementar, registra-se aqui o total interesse de evidenciar essas conexões não só a partir do conteúdo da narrativa trazida, mas também através da forma como as memórias, reflexões e críticas serão tecidas. Deste modo, faz-se necessário mencionar a opção gráfica e política que fizemos para registrar os marcadores de gênero nas palavras de caráter coletivo presentes neste texto. Aqui, sempre que uma palavra que já não tenha seu marcador de gênero feita de forma neutra (como, por exemplo, a palavra estudante – que por si só já é utilizada tanto para masculino como para feminino), nas ocasiões em que for preciso se referir a palavras que remetem coletividade a partir do gênero masculino, fizemos a opção

consciente e provocadora de violentar a linguagem colonial (em sua forma e seu conteúdo): trocaremos o marcador de gênero masculino-universal pelo Y. E certamente esta iniciativa não é um mero capricho: há alguns desdobramentos político-pedagógicos ligados a este feito. Aqui, evidenciamos três: 1) um caráter de gênero; 2) um caráter de acessibilidade; 3) um caráter étnico e anticolonial.

Enquanto questão de gênero, nossa decisão de lidar com palavras e expressões coletivas expressas de outra forma que não seja a normativa gramatical do masculino se dá muito menos por uma reinvenção da norma culta e muito mais por uma releitura da comunicação e da linguagem social, de modo a evidenciar o quanto a lógica universalizante está arraigada de uma perspectiva machista e patriarcal. Nas palavras de Simone de Beauvoir,

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado o sentido singular do vocábulo *vir* o sentido geral do vocábulo *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. (BEAUVOIR, 2016, p. 11-12).

Virilidade e Humanidade não são sinônimos diretos, mas funcionam como expressões complementares: na lógica patriarcal todo humano precisa ser viril, logo todo humano precisa ser homem. Nesta lógica grotesca da sociedade machista, quem é humano e não é homem só terá a alcunha de ser humano se aceitar antes que para ser humano é preciso se aceitar homem (enquanto categoria universal, sinônimo de humanidade). Quando deslocamos o universal de sua norma gramatical masculina não queremos com isso fundar uma nova gramática. Queremos apenas causar um estranhamento a respeito do padrão positivo-neutro e, com isso, denunciar o quanto nossa linguagem está impregnada de processos violentos contra os gêneros dissidentes da norma masculina.

Enquanto questão de acessibilidade, que está diretamente associada à questão de gênero, de forma interseccional, quando as práticas de questionamento político do marcador de gênero das palavras e expressões começou a surgir, no início dos anos 2000, por exemplo, o que se notava – de início – era o movimento pelo uso dos dois termos: o masculino e o feminino. Em movimento paralelo, na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, as apostilas vinham apresentando uma sinalização acompanhada de uma palavra marcada pelo @, na desinência de gênero. Isto porque a LIBRAS é uma língua muito prática e de matriz visual, não oral. Portanto, o gênero só faz sentido ser revelado na palavra ou na frase se o assunto requerer especificamente

a identificação de uma pessoa com determinadas características. Se a abordagem é geral, existem sinais generalistas que darão conta da narrativa sem precisar fazer menção ao gênero. Na prática, as apostilas impressas apresentavam (e algumas ainda apresentam) da seguinte forma: a palavra “Alun@” e a palavra “Professor@” tinha o caractere “@” para indicar que o sinal era válido para qualquer gênero.

Quando esta discussão ganha força no movimento pela diversidade sexual e de gênero, algumas pessoas começaram a adotar o “X” como caractere para o gênero. Mas tanto o “@” quanto o “X” não resolviam por completo a crítica social da invisibilidade de um grupo social. A mudança evidenciava as questões de gênero para os videntes/enxergantes. Contudo, aquelas pessoas cegas ou com deficiência visual, usuárias de programas leitores de tela eram prejudicadas por esta forma de escrita. Foi pensando nisso que o movimento começou a adotar majoritariamente as letras “E” ou “U” como marcadores do gênero neutro. Neste sentido, por exemplo, fala-se de “alunes” e professorus”. Nesse sentido, Pri Bertucci - criador do Instituto [SSEX BBOX] e cocriador do “Manifesto ILE radicalmente inclusiva” juntamente com a psicóloga Andréa Zanella - fala de certas limitações do que seu manifesto chama de “nossa língua”:

Nossa língua não previu a mudança de paradigma que está acontecendo no nosso tempo.
Nossa língua não é flexível o suficiente pra designar alguém que não se sente nem homem, nem mulher.
Ou melhor, pra designar alguém que se sente ora um, ora outra.
Ou melhor, pra designar quem não se conforma com as normas de gênero.
Ou melhor, pra falar de quem vive seu gênero de uma forma que é fora da caixa.³

No manifesto é nítido o esforço para encontrar uma forma de comunicação que garantisse o bem-estar e o acolhimento das várias identidades dissidentes da normatividade de gênero. E há também uma preocupação com a acessibilidade relacionada à aplicativos de leitores de tela e pessoas com dislexia, por exemplo - para os quais o uso de “@” ou “X” se torna uma forma de exclusão pela linguagem, já que a comunicação fica danificada. Mas aqui cabe uma reflexão pertinente: será que nos é saudável - no que diz respeito às lutas identitárias - aceitar tranquilamente este reconhecimento da gramática portuguesa-lusófona como “nossa língua”? Quando os europeus invadiram este território que hoje chamamos de latino-americano

³ Manifesto completo disponível em <https://diversitybbox.com/manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva/> (Acesso em 05/02/2023).

- mas que a grande Lélia Gonzalez sabiamente rebatiza de território ladino-amefricano - naquela época tínhamos centenas de povos diversos e cada um tinha uma língua ou marcadores próprios de seu território e de seu povo em suas formas de comunicação. Com o processo de colonização forçada, muitas dessas línguas e culturas foram exterminadas e muitas outras se misturaram com as línguas e culturas da diáspora causada pela escravização do povo preto africano: negros da terra - como nos lembra o historiador Kaka Werá Jacupé - e negros da diáspora juntos formaram parte significativa disto que hoje chamamos Brasil, não só no que diz respeito à cultura popular, mas também no que diz respeito à comunicabilidade. É por isso que Lélia Gonzalez afirma tão assertiva que no Brasil não se fala Português (tal qual em Portugal), mas sim “Pretuguês”. E, desta forma, caminhamos para o terceiro ponto de reflexão sobre a concepção da escrita de “neutralização” da linguagem que adotaremos.

Como terceiro desdobramento, as questões étnico-raciais têm promovido cada vez mais uma interseccionalidade real com as questões de gênero e também com as questões de acessibilidade, inclusive. O processo de tratamento das pautas sociais de forma analítica e isolada são certamente insuficientes para promover uma discussão séria e uma prática eficaz, comprometidas com a justiça social, bem como com as conquistas e as retomadas de direito à vida, à identidade e à comunidade. Neste sentido, faz-se necessário retomar a crítica social que o artista multilinguagem, artista e dramaturgo João Nyn alerta em seu livro sobre o primeiro caso registrado de LGBTfobia no Brasil, livro bilíngue escrito em Tupy Guarany Moderno e em Potyguês – subversão que o autor faz do Português enquanto língua colonial. Nesta subversão, ele troca a letra “i” pela letra “y”, que em Tupy Guarany é tida como uma vogal sagrada. O artista revela nos que toda criação é um ato espiritual e coletivo e que é necessário recriar os processos de retomada em várias frentes:

A mayor Pauta dos Movymentos Yndýgenas do mundo é a Demarcação de Terras. Uma pendêncy que nos prende ao ano de 1500, por ysso não exyste período Pós-Colonyal. É possývel demarcar terrytóryos fýsycos sem Demarcar Ymagynáryos? A mente é um terrytóryo. O Ymagynáryo é terra. (NYN, 2020, p. 10)

Aqui, nossa “neutralização” dos gêneros das palavras se darão decididamente e pedagogicamente pelo uso do “Y”, uma vogal sagrada. Não para sacralizar e essencializar ainda mais as questões de gênero. Pelo contrário: nosso alvo é o profano presente no sagrado: queremos profanar a sacralização do *modus operandi* da comunicação colonial, queremos –

com o conteúdo e com a forma deste texto – alertar para o perigo que há em seguir repartindo, segregando e “purificando” as pautas de identidades políticas. Portanto, é notável que este movimento, sob nenhuma perspectiva, se trata de uma “neutralização” da linguagem. Ele é, antes de tudo, um posicionamento político de negação radical aos padrões opressivos e violentos, inclusive no campo da violência simbólica da linguagem e da cultura que a sustenta. Nas palavras de Frantz Fanon, trata-se de uma “violência revolucionária” contra a linguagem e a cultura opressora.

Esta reinvenção da comunicação age, portanto, como uma contra-violência de retomada de nossos imaginários, de nossos desejos e de nossas expressões no mundo. Não queremos aqui propor uma nova norma-culta da gramática lusófona. Aqui, inspirando-se em Ailton Krenak, trata-se apenas - o que não é pouco - de partilhar uma torção da linguagem como se partilha um sonho para adiar o fim do mundo. Sendo assim, nosso exercício de variar entre a narrativa impessoal e a narrativa em primeira pessoa, bem como nosso exercício de alterar a forma de posicionar a língua em busca de torná-la mais acessível e diversa se faz sonho na medida em que sonho pode ser entendido como uma “instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano” ou mesmo como “lugar de veiculação de afetos” (KRENAK, 2020, p. 37).

Feito estas considerações, sigamos para o que nos interessa dizer sobre a presença e a função do ensino de Filosofia no Programa Transpassando. Para tanto, vale fazermos um resgate da história de surgimento do Programa e dos alcances políticos e pedagógicos dele.

a) O surgimento do Programa

O “Programa de Formação de Travestis e Pessoas Transgêneras: Cursos Preparatórios para o ENEM e Formação Profissional - TRANSPASSANDO” é um programa de extensão idealizado pela Profa. Dra. Ilana Viana do Amaral, docente do curso de graduação e pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará-UECE. Ele é gerido e construído diariamente pelo Coletivo Transpassando – coletivo horizontal e auto-gerido de combate à transfobia e demais preconceitos.

A escrita e submissão deste programa apresentado à Pró-reitoria de Extensão PROEX/UECE em janeiro de 2016 é, na verdade, fruto de um histórico de luta e resistência em solidariedade e defesa dos movimentos pela diversidade sexual e de gênero, bem como contra a transfobia e demais preconceitos, opressões e violências. Desta forma, ainda em 2015, em

meio a um momento político muito tenso e igualmente desafiador no interior do Centro de Humanidades - CH, a saber: a ocupação da sala da Direção em protesto ao autoritarismo e unilateralidade exacerbados do então diretor do Centro; o coletivo Transpassando começa a surgir como fruto político da ocupação crítico-pedagógica realizada no seio do CH. O Coletivo Transpassando, junto com a profa. Ilana, estudantes da graduação em Filosofia da UECE e pessoas trans e travestis da sociedade civil fora do aparato institucional da academia, criam juntos as bases do que viria a se tornar, no ano seguinte, o Programa de Extensão Transpassando UECE: um instrumento institucional e político de combate em muitas frentes: políticas, sociais, morais, profissionais, simbólicas, artísticas e culturais.

Segundo o projeto submetido pela Profa. Ilana à PROEX/UECE, este programa traz como objetivo “a constituição de um espaço de formação para travestis e pessoas transgêneras centrado em dois focos distintos porém articulados” (AMARAL, 2016): 1. Formação para o ENEM, cuja realização permitirá o acesso à conclusão do Ensino Médio e à concorrência para ingresso nas Universidades e 2. Formação Profissional em áreas de interesse dos estudantes, formação da qual o programa deve ser instrumento de facilitação, seja através da capacitação diretamente feita no programa, via formadores e profissionais voluntários, seja via convênios e parcerias.

O programa constitui-se assim, antes de tudo e concomitantemente, como uma luta real e efetiva contra a transfobia e, por consequência, contra toda e qualquer instância de preconceito e discriminação. Atuando não só no âmbito universitário, *locus* onde reside a execução diária principal do projeto apresentado à PROEX/UECE, mas - seja em menor ou maior grau - em toda sociedade permeada e habitada pelo programa. Nesse sentido, vale ressaltar que só no ano de 2016 - primeiro ano completo de exercício do programa (pois o mesmo tinha começado suas aulas no final de 2015) - o Transpassando se fez presente em eventos acadêmicos da UECE, eventos nacionais de Filosofia, eventos de outras instituições alheias à UECE e muitas rodas de conversas dentro e fora da Universidade Estadual do Ceará levantando debates e discussões de gênero, sexualidade, raça, classe e direitos humanos - como foi o caso das participações do Transpassando nas escolas de Ensino Médio, durante as ocupações secundaristas ocorridas em 2016. A este respeito notamos, inclusive, que a juventude sabe sim o que quer, mas se tem alguém que ainda não sabe o que quer, sabe pelo menos o que não quer. E isto já é muito.

Contudo, ainda sobre as ocupações secundaristas, era nítida a capacidade crítica da

juventude à respeito de suas formações enquanto profissionais e enquanto cidadãys. mas nada se pode dizer de modo certo sobre as ocupações de 2016 e a reforma do Ministério da Educação - MEC para o Novo Ensino Médio, por imposição da lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Neste “Novo Ensino Médio” a lógica neoliberal do empreendedorismo entra como um dos pilares da formação institucional apoiada pelo Estado. E pelo que se notou nas manifestações de todo o país, por parte dys estudantes, o empreendedorismo e a imersão passiva na lógica neoliberal não era uma meta coletiva entre ys manifestantes das ocupações estudantis.

No ano de 2016 o foco do Programa foi, mais precisamente, o Projeto Pré-vestibular, pois foi uma decisão dys própriys participantes que focássemos nas aulas para os concursos de aquisição do diploma do Ensino Médio e de ingresso nas universidades. Entretanto, no período pós-Enem e no ano de 2017 começaram os cursos de idiomas e profissionalizantes. O programa, sob forma de auxílio e incentivo, também emite Carteira Estudantil para ys estudantes com o devido nome social.

No decorrer dos anos, o Coletivo Transpassando foi realizando várias ações diferenciadas e reconhecendo tais ações como potentes propostas que poderiam ser melhor sistematizadas dentro do Programa de Extensão. Então, assim começou a incorporação de novos projetos ao Programa, de modo que atualmente, dentro do Programa de Extensão, existem quatro projetos de formação continuada: 1) Projeto Pré-Vestibular; 2) Projeto Surdez e Gênero; 3) Projeto Gestão Administrativa e Produção Cultural; e 4) Projeto Cinetrans. Cada um desses projetos foram surgindo de forma muito orgânica, pela necessidade que o coletivo sentia de ampliar o campo de atuação e de formação para seus integrantes, bem como para as pessoas recém-chegadas através principalmente do Pré-Vestibular, ponto focal das ações do Programa, ainda hoje. Deste modo, a metodologia de atuação do Programa tornou-se – também de modo orgânico – uma metodologia transdisciplinar entre as disciplinas que dialogam entre si e buscam construir processos formativos conjuntos, mas também entre os projetos: há uma interação e uma colaboração íntima entre os quatro projetos para a sobrevivência e expansão de todos eles.

b) Uma imersão no Programa - Relato de um educador

Eu - Paulo W. Lima - estou no Transpassando desde sua origem, em 2015. Fiz parte da ocupação do Centro de Humanidades da UECE enquanto estudante graduando, que eu era na época. Estudante este que já vinha de um movimento secundarista no Ensino Médio (nos idos de 2009-2011) em defesa de uma educação de qualidade em várias frentes. Meu interesse

e envolvimento com o programa se deu ainda em 2015, quando ele ainda era uma proposta criada pelo Coletivo que precisava ser escrita e realizada. Ou seja: integro o Transpassando primeiro como integrante do Coletivo para só então atuar depois como Professor voluntário do Programa.

Sou oriundo de Comunidade Eclesial de Base – CEB na periferia e atuante nos movimentos pastorais da igreja católica a ponto de já ter coordenado um grupo de base da Pastoral da Juventude. Ou seja, o envolvimento com a luta pela garantia dos direitos e respeito às ditas minorias sociais e excluídas na margem da sociedade já faz parte da minha trajetória e identidade. Desta forma, me senti muito instigado com a proposta da Profa. Ilana e demais colegas e dispus-me a colaborar com o que eu pudesse. Vi o projeto começar e compus as primeiras reuniões e aulas antes mesmo de sua formalização na PROEX.

Minha participação no programa começou, mais imediatamente, no envolvimento com questões mais administrativas do mesmo para preparar documentações como formulários e declarações. Até que a Profa. Ilana - que dava aula de Filosofia para a turma - precisou se ausentar algumas vezes e sua aula começou a ser dada pela também colaboradora do projeto, Profa. Palloma Soares. Vale ressaltar que nesta época a turma contava com duas aulas de 50 minutos cada para a disciplina de Filosofia.

Algumas vezes, depois de ter me oferecido, fui convidado a dar aula para a turma enquanto a Profa. Ilana se ausentava por questões profissionais. Disto resultou uma interação muito forte com a turma e aulas bem-sucedidas. Neste momento, entretanto, já não eram mais duas aulas de Filosofia por semana: apenas uma. O resultado desta interação foi ys estudantes do Projeto pedirem para eu assumir definitivamente as aulas da disciplina de Filosofia (o que foi uma grande honra e desafio para mim). E assim o fiz: aceitei o convite e comecei a lecionar para elys. Pouco tempo depois, eu já matriculado na disciplina de Estágio Supervisionado II, vi a oportunidade de juntar o útil ao agradável: dar aula para o Transpassando enquanto estágio obrigatório da disciplina em questão. Fiz o estágio sob a supervisão institucional da Profa. Ilana e, logo após formado – no ano de 2018 – passei a receber estagiáriys da Licenciatura em Filosofia, isto enquanto supervisor ligado ao Fórum de Supervisores de Estágio em Filosofia da UECE.

Além da função de professor voluntário e supervisor de estágio, através da parceria do Coletivo Transpassando com o Coletivo Kintal de Afetos (coletivo formalizado como fruto

das demandas operacionais do Transpassando), tenho atuado também – constantemente – como Produtor Cultural em vários projetos realizados ou apoiados pelo Coletivo Transpassando.

c) Uma imersão no Programa - Relato de um educando

A experiência de um corpo trans negro, economicamente prejudicado e agora PCD (Pessoa com Deficiência) no contexto social se constrói sob um solo arenoso sem concretude e fixidez, são muitas as inseguranças e as perspectivas frustradas de um futuro incerto que nos atravessa muitas vezes como possibilidades únicas e verdades absolutas. Sistemáticamente nós pessoas trans de tanto nos colocarem à margem social, acabamos por acreditar nessas (in) verdades que é fruto de uma trama social excludente e desafiadora. Partindo desse pressuposto uma vez que ouvimos relatos de violências contra corpos dissidentes marginalizados a partir de seus marcadores sociais, estamos fadados a acreditar que a subalternidade é o que nos resta.

No final de 2016 eu estava inserido dentro de uma associação de transmaculinos e homens trans organizada de maneira hierárquica e piramidal na cidade de Fortaleza-Ceará enquanto mola propulsora para benefícios pessoais do então presidente cujo o nome irei preservar por motivos éticos, fui convidado junto com os demais integrantes da associação a comparecer em uma reunião de alinhamento pedagógico do programa de extensão Transpassando, nas dependências do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará – CH/UECE.

Naquela época a militância e o ativismo era o estilingue que me impulsionava a viver, eu queria estar inserido em todos os movimentos possíveis, então compareci à reunião para fins de conhecer o projeto; confesso que não tinha o intuito de permanecer mas as questões sociais que me atormentavam e as preocupações com o futuro me propeliram a fazer a minha inscrição no pré-vestibular. Iniciei minha trajetória no Transpassando em 2017, enquanto aluno, naquele mesmo ano consegui passar no curso de Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, porém por descuido e falta de recursos financeiro não pude, naquele período, me inserir na academia de maneira efetiva.

No ano seguinte tentei novamente o ENEM para Psicologia; era o curso que eu queria na época, nunca consegui passar. Depois de mais uma tentativa frustrada me afastei do coletivo e fui estudar cinema na escola municipal de arte Vila das Artes em 2019, ano que eu refleti sobre as minhas escolhas e fiz uma reflexão profunda sobre a minha trajetória escolar

nos anos finais do ensino médio e o contexto social e familiar que eu estava inserido. Tive um *insight* e entendi que as minhas percepções profissionais que eu almejava estava me levando a frustração, pois estava negando a possibilidade de fazer o que de fato eu gostava e vivenciei a vida toda que era a arte.

Nessa relação de vai-e-vem entre qual caminho seguir compreendi e percebi que eu estava focando nas opções erradas, talvez até mesmo por conta de uma pressão familiar em “ser alguém” quando na verdade eu já era alguém completamente perdido nas expectativas alheias. Retorno ao coletivo que se encaminha para pensar em outras possibilidades de projetos incluindo alguns que ainda não saíram do campo das ideias como o clube da leitura e o mapeamento de pessoas trans. Com esse retorno surge a necessidade de reflexão sobre como ampliar o processo de ensino e aprendizagem. Os demais integrantes sentiram a necessidade de explorar o mundo das artes e da produção cultural, foi então que surgiu o de forma sistematizada o projeto Gestão Administrativa e Produção Cultural e o Cinetrans - dois dos muitos projetos que acontecem a partir do programa de extensão. Sigo engajado e cada vez mais próximo desses dois projetos em específico por ser algo que dialoga diretamente com a minha área de estudo atual.

Final de 2020 através do Exame Nacional do Ensino Médio- ENEM passei para Turismo no Instituto federal de Educação Ciências e Tecnologias do Ceará-IFCE no campus Baturité. Iniciei o curso e no começo de 2021 passei para Artes Visuais na mesma instituição. Tendo em vista a minha dedicação às artes, sobretudo no âmbito das linguagens que abrangem as artes visuais, optei por trancar o curso de Turismo e iniciar a licenciatura em Artes Visuais no campus Fortaleza onde atualmente estou cursando o 5º período.

Juntamente com esse ingresso no ensino superior, mais precisamente no curso de Artes, surgiram outras demandas, novamente no caminho de formação profissional. Nunca me imaginei na docência, entretanto como sobreviver apenas de arte e de pesquisa no Brasil? Sobretudo na região Nordeste? É como estar inserido no gueto do gueto - a nível mundial. Não quero dizer com isso que não tenhamos grandes artistas e um cenário artístico presente, mas tenho consciência que a arte não é valorizada quando posta à frente de outras ciências e áreas de conhecimento que são lidas como urgentes e de grande relevância social, pois “se a arte não é tratada como forma de conhecimento, mas como “um grito da alma” não estamos fazendo nem educação cognitiva nem educação emocional (BARBOSA, 2008 p. 41).

d) A disciplina de Filosofia - Relato de um educador

Esta não foi a minha primeira experiência com a sala de aula. Já fui, durante dois anos, bolsista de iniciação à docência - PIBID, e atuei em duas escolas públicas diferentes em turmas de Ensino Médio; meu Estágio Supervisionado I e II da Licenciatura em Filosofia pela UECE também foi com Ensino Médio de escola pública. Contudo, ainda não havia tido uma experiência tão rica e desafiadora em sala de aula como lecionar Filosofia no Transpassando, pois diante a autonomia de ensino que o Projeto me permitiu, minha responsabilidade para com a disciplina equiparou-se com a responsabilidade de um professor efetivo para com sua turma. Neste sentido, nunca encontrei impedimentos institucionais para minha atuação no Transpassando. Sempre estive muito à vontade para propor planejamento e execução da disciplina como eu achasse mais coerente, tendo em vista o caráter de pré-vestibular que a disciplina tinha.

Das ricas experiências tidas em sala, algumas são tão marcantes que merecem serem relatadas algumas delas são:

1- Gosto de, em meus primeiros contatos com a turma sentir seu nível de interação, fazer uma apresentação básica saindo-me do lugar de verdade tradicionalmente ocupado pelo professor e assim alcançar uma relação mais próxima entre professor e estudante. Entretanto, imergir num conhecimento mais sensível e compartilhado das experiências de vida dos alunos trans, tal como sugere a proposta didática freiriana, requereu de mim uma dedicação e abertura maior que as turmas de nível médio com as quais eu já havia atuado, a ponto de eu dedicar uma aula toda para ouvir os relatos de vida e os anseios das alunas trans matriculadas (pois ainda não havia homens trans participando do projeto, em 2017). Nesta aula, logo quando comecei a lecionar definitivamente na disciplina, percebi que a inovação e a transformação promovida por este projeto não se restringiam unilateralmente às pessoas participantes das aulas, mas como uma via de mão dupla, os professores seriam (e foram, são e serão sempre) afetados por este contato humano, pois enquanto docentes somos alocados em uma realidade social nem sempre tão à vista e na pele como quando ingressamos no Coletivo e/ou no Programa.

Aquilo que em dado momento mostrava-se pelo moralismo e preconceito social como uma excrescência da civilização agora aparecia como um mundo novo cheio de possibilidades e de muita luta, resistência e desgaste na tentativa de garantir a autonomia na criação e manutenção de uma identidade (ontológica, estética e política). Este dia foi de extrema importância na minha formação, pois me fez perceber que as aulas naquele contexto social não

podiam, agora mais do que nas outras experiências, fugir às relações intrínsecas entre conhecimento teórico e vida prática. Foi a partir deste alerta - por meio dos relatos de experiências das alunas - que eu comecei a repensar meu comportamento, minha linguagem e minha interação para com o conteúdo a ser trabalhado bem como para com a turma;

2- Um outro momento oportuno de se lembrar foi o dia em que, sob visita rotineira de alguns estudantes de uma disciplina antropológica da UFC, começamos uma conversa no corredor sobre identidade de gênero e mercado de trabalho e, naquele dia, durante todo o horário da aula ficamos no corredor da universidade conversando sobre as questões levantadas e respaldando-as em conhecimentos teóricos com Marx, Sartre e Simone de Beauvoir, por exemplo. Esta aula ao ar livre, em formato espacial desconstruído ampliou a concepção de “aula” para além de um ensino e um conhecimento compartilhado em um determinado espaço sob uma determinada estrutura formal.

Vale lembrar também que na aula imediatamente anterior a esta, enquanto eu trabalhava como tema o *Eros* platônico, entramos em uma discussão em sala de aula sobre as diferenças conceituais de identidade de gênero e orientação sexual, momento este em que aprendi demais sobre o tema com as alunas, pois não tinha conhecimento nem embasamento teórico destas questões de gênero tão profundamente quanto elas. Isto se deu por conta da pergunta feita por elas sobre a “homossexualidade” na Grécia Antiga, a respeito da Paideia grega; Ou seja, a pergunta, no processo formativo transdisciplinar do Transpassando é um elemento metodológico que abre caminho para a comunicação e a troca. Na perspectiva transdisciplinar do Transpassando atrevo-me a dizer que a pergunta é a instauração de uma encruzilhada, é a evocação da força transformadora e educadora de “Exú nas escolas”, como profetiza a grande musa Elza Soares. De outro modo, essa perspectiva que chamamos aqui de transdisciplinar, o pesquisador e filósofo Deivison Faustino (2022, p. 42) chama de “uma perspectiva política, estética e teórica da encruzilhada, que viabiliza o desvelamento das ‘determinações reflexivas’ que compõem e conformam o ‘complexo colonial’”. Faustino fala da *perspectiva de encruzilhada* para referir-se ao pensamento, aos escritos e às práticas de Frantz Fanon, que trata-se de uma posição poética e ao mesmo tempo rigorosa.

Encruzas éticas, políticas e estéticas submetem a teoria à realidade concreta, assim como a concebem como possível de ser alterada por uma práxis revolucionária teoricamente orientada para a reestruturação total do mundo como conhecemos (Faustino 2021c) – tarefa que aproxima intimamente a obra, a vida e a postura de Fanon. (FAUSTINO, 2022, p. 43)

É a perspectiva da encruza – diremos nós – que faz com que uma travesti chegue ao Transpassando através de divulgações na internet, que ela comece a interação com o coletivo através do Projeto Pré-Vestibular, que ela se integre aos outros projetos e ações, que se forme enquanto agente política nos espaços de cobrança e de proposição educacional, que passe em Licenciatura em Matemática no IFCE, que comece a faculdade, que lute pelos seus direitos enquanto pessoa trans dentro da educação de nível superior, que se torne uma atleta de destaque e uma liderança estudantil importante na instituição em que ingressou e que volte como professora voluntária do Projeto Pré-Vestibular. É o que aconteceu com a integrante do Coletivo, Luana Ângelo, que hoje em dia costuma dizer orgulhosa que foi o Transpassando que lhe ensinou a olhar criticamente para a realidade e propor outras rotas rumo à outras realidades sociais.

3- Em um momento posterior, em uma aula sobre o método aristotélico e sua teoria, me vi dando uma aula de “filosofia analítica” usando como “objeto gerador” a música “Xibom Bombom” do grupo As Meninas, canção esta lembrada pelas próprias alunas; 3-Uma experiência muito rica também foi a de tornar a teoria da mercadoria e da mais-valia de Marx a partir de uma bolsa de marca, bem como o de falar sobre o empirismo humeano a partir de um “mega hair tic tac” e o de falar da epistemologia kantiana e do fenômeno a partir de um celular sobre a mesa. Estas práticas pedagógicas foram muito bem nomeadas pela Profa. Viviane Pereira (na época, responsável pelas disciplinas de Estágio em Filosofia, pela UECE) como o “esforço do conceito” em se fazer inteligido. À isto eu diria um esforço hercúleo e, por isso mesmo, extremamente prazeroso e satisfatório.

Estas experiências e memórias aqui se associam diretamente ao processo de aprendizagem filosófica que o filósofo e educador Walter Kohan chamou de “errância”, pois não se trata de um erro, mas sim de uma ação política que tem no desvio de rota feito por uma pessoa andarilha nos processos formativos. O que está em jogo no risco da “errância” é a possibilidade potente e criativa de invenção do novo, de novos mundos possíveis:

Assim, a errância constitui-se também num princípio político da educação: o mundo pode ser de outra maneira. O mundo e as vidas que o compõem podem ser de outra maneira, e nossa vida não pode ser indiferente, consolidar ou legitimar um estado de coisas como o que vivemos, em que algumas vidas carecem do mais vital para serem o que são ou simplesmente são discriminadas pela sua cor, gênero, idade, classe; sempre é possível fazer alguma coisa; não sabemos como deve ser o mundo, não sabemos como deve ser vivida a vida e também não queremos saber, porque a própria

tarefa educativa é uma construção coletiva, em aberto... Mas sabemos que educar diz respeito a colocar em questão, problematizar, sacudir, resistir a esse mundo que é menos mundo para muitos e transformar as formas de vida que habitamos, embora não saibamos o destino final desse movimento. (KOHAN, 2019, p. 155)

Nesta proposta peculiar de cursinho pré-vestibular vi acontecer e vivi acontecimentos que transcendem à função formativa (o que, por si, já não é pouco) de um professor: fui afetado diretamente pelas circunstâncias e levado a sair do campo profissional para lançar-me no âmbito das relações humanas e fraternas, agora não só enquanto professor (e estudante, haja vista que a relação entre ambos é sempre permeada de trocas), mas principalmente como homem, ser humano, sujeito, indivíduo social, ou – para falar diante um histórico teológico – irmãos em Cristo. Foi assim que vi e vivi a aula de campo ocorrida em detrimento da minha ida e do convite feito ao Programa de ter uma Mesa Redonda no Encontro Nacional dos Estudantes de Filosofia - ENEFIL 2016, em Paraíba. Nesta viagem, onde passamos mais de uma semana na companhia integral uns dos outros, vivenciamos juntos não só toda a carga teórica que o evento tinha a nos proporcionar, mas também experiências de vida e estreitamento de laços que tornaram o Projeto ainda mais consolidado e unido pelo projeto comum de combate à transfobia e demais preconceitos através de ações diretas no campo formativo.

O Transpassando dilatou sua existência de tal modo que hoje ocupa – enquanto coletivo e programa de extensão – espaços sequer imaginados no começo de sua trajetória, em 2015. Com pouco mais de sete anos de existência, já vimos sair deste Programa Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC diretamente ligados à prática profissional voluntária, como é o caso do Israel Mendes (com TCC defendido na área de Letras – Português), outro exemplo é o TCC da Isabel Costa (graduada em Letras – LIBRAS).

Outros espaços significativos de pesquisa e reconhecimento foram surgindo, como a aprovação em editais da SECULT-CE, tais como os processos de arte-pesquisa que resultaram nos produtos artísticos “Sus-t-ância” (espetáculo cênico experimental registrado em audiovisual, com acessibilidade integrada em LIBRAS, audiodescrição e legenda) e “Um conto: histórias em resíduos” (documentário curta-metragem com acessibilidade integrada em audiodescrição e legenda). Hoje em dia o Transpassando compõe o Conselho Municipal de Políticas Públicas LGBT+ de Fortaleza, e ocupa a cadeira referente à instituição acadêmica com produção de pesquisas relevantes sobre a população LGBT+. Representando o Coletivo neste Conselho estão Lukresya Nascimento e Lauana Amora, duas travestis pretas, periféricas,

ligadas às religiões de matrizes africanas, não-graduadas e ativistas no campo da educação social e formação humana.

O Transpassando também está presente na Comissão de Diversidade Sexual e de Gênero da Organização dos Advogados do Brasil, no Ceará - DIVERSIDADE OAB-CE, onde Shábilla Moura ocupa a função de primeira consultora pessoa Trans/Travesti da dita comissão da OAB-CE. Temos também o Gregório Souza, que está ocupando o equipamento cultural público Casa Barão de Camocim (Prefeitura de Fortaleza), abrindo portas, sendo Exu para outras pessoas Trans se verem possíveis de ocupar espaços consagrados da Arte e da Cultura local. O mesmo se dá com Ana Paula Braga, também do coletivo que agora ocupa o Museu da Imagem e Som do Ceará - MIS-CE como educadora. Outras pessoas integrantes do coletivo também já foram educadorys no Museu da Cultura Cearense - MCC, no Centro Cultural Bom Jardim - CCBJ, no Centro Cultural Canindezinho - CCC e em vários outros espaços. Tais ocupações, além e concomitante à necessidade de fazê-lo como estratégia de sobrevivência pessoal, é também uma demarcação política, uma ação direta de reinvenção das narrativas sobre as várias minorias sociais, bem como uma ação direta de retomada do imaginário popular sobre quem são as pessoas LGBTQ+, quais são os espaços que elas ocupam e quais são as linguagens que elas se utilizam para se comunicarem. Poderíamos aqui ampliar um pouco mais a discussão e falar sobre a existência do Bajubá/Pajubá como comunicação de resistência e de re-existência, bem como fizemos na dissertação “A violência desde o prefácio de Jean-Paul Sartre para Os condenados da terra, de Frantz Fanon”, mas não o faremos aqui.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creemos que experiências como estas vividas no Transpassando podem acontecer em outros Programas e Projetos também. E pensamos que cabe à instituição saber acolher todas essas vivências, bem como em museus, projetos de extensão, casas de apoio, associações, dentre outros lugares, pois o curso de Filosofia, esta disciplina que se põe a questionar o mundo e sua construção a partir do caráter intelectual do homem e de sua experiência com a natureza e com os outros homens, tem toda capacidade para, com seu potencial questionador, promover transformações sociais, linguísticas, culturais e políticas. O Transpassando é uma prova viva desta filosofia que parte de si e abandona a si mesma para se encontrar numa prática humana que vai além do questionamento: ela atinge o campo da proposição, da criação e da reinvenção – de si, das relações e do mundo. É uma filosofia capaz de sonhar coletivamente.

É impossível passar pela temática do Ensino de Filosofia – que trabalha categorias como Ética/Moral, Política, Justiça, Existência – e não considerar a tragédia recorrente do Brasil ocupando o topo da lista de países que mais consome conteúdo adulto com pessoas trans e travestis e também – paradoxalmente – o país com o maior número de mortes por LGBTfobia, pela décima quarta vez seguida. (segundo a ONG Transgender Europe – TGEU e o Dossiê da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais – ANTRA, publicado em janeiro de 2023). Se esse tema não consegue ser trabalhado enquanto forma e enquanto conteúdo em aulas de Filosofia, onde mais haverá abertura para tal? A Filosofia, enquanto disciplina da reflexão crítica e criativa, precisa abrir caminho – não porque ela seja melhor ou mais eficiente que as outras disciplinas (posto seu tradicionalismo e conservadorismo que as universidades insistem em manter intactos, isto anda longe de ser uma verdade universal). Mas sim pelo simples e elementar fato de que se ela não o fizer, sua existência enquanto função social será inútil ou – na melhor das hipóteses – será insuficiente enquanto conhecimento que possibilite a compreensão da realidade para sua transformação.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BENEVIDES, Bruna G (Org). **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. Brasília: Distrito Drag; ANTRA, 2023.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FAUSTINO, Deivison. **Frantz Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JACUPÉ, Kaka Werá. **A terra de mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. São Paulo: Peirópolis, 2020.

KHOAN, Walter. **Paulo Freire, mais que nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMA, Paulo Willame Araújo de. **A violência desde o prefácio de Jean-Paul Sartre para Os condenados da terra de Frantz**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

SILVA, João Paulo Querino da; NYN, João. **Tybyra**: uma tragédia indígena brasileira (**Tyryrá**: ymã mba'e wai nhandewa regwa pindó reta-re). São Paulo: Selo do burro, 2020.